

Capítulo 6

Vida da Igreja Além da “Obra”

“... Ore ao Senhor da colheita para enviar trabalhadores para a sua colheita ”

(Lucas 10: 2)

É difícil imaginar qualquer clichê ganhando mais quilometragem no movimento da Igreja Local do que ser “um com o ministério”. As vidas foram alteradas para sempre com base na força dessas quatro pequenas palavras. Tampouco é uma avaliação muito melodramática para os membros da Igreja Local que foram prejudicados pela “mania do ministério”. Fale com o jovem cujo noivado foi frustrado por questões de lealdade relacionadas ao “ministério”. Pior, ouça o santo rabugento cujo casamento foi permanentemente dilacerado ou terminado porque ele ou ela não foi suficiente “para o ministério”. Agora, adicione as histórias daqueles em igrejas em apuros e outros cujas reputações foram permanentemente impugnadas, novamente, por questões ministeriais. Mesmo rejeitando metade dessas queixas como ilegítimas (o que é uma porcentagem muito generosa), os outros 50% ainda exigem uma explicação.

Ser um com o ministério neotestamentário de Jesus Cristo causa todos esses problemas? Claro que não. Ou seja, ser “um com o ministério”, como é usado no Movimento Igreja Local, não significa ficar com e apoiar a obra de Jesus Cristo. Refere-se à devoção exclusiva ao Living Stream Ministry, o trabalho pessoal corporificado de Witness Lee.

Um arranjo estranho

O Corpo de Cristo foi outra ênfase que lentamente se arrastou dos escalões superiores do Movimento da Igreja Local para seus membros locais. No início, a maioria de nós não disse nada contra isso por causa de sua natureza bíblica, e de fato dissemos “Amém” quando ouvimos. Ainda assim, a frase “o Corpo de Cristo”, que mais tarde se tornou “o Corpo”, que mais tarde se transformou em uma estranhamente entoada “o Coorpo” tornou-se uma palavra de ordem em si mesma. Não era mais um ensinamento para edificação geral. Havia uma elite considerada “os representantes do corpo”, que tinha “o sentimento do corpo”, “conhecia o corpo”, “via o corpo”, “entendia a direção do corpo” e “movia-se no corpo”. Poderia até mesmo excomungar (“quarentena”) outros em nome do “Corpo”. O Corpo tornou-se uma petição destinada a contestar decisões locais que não estavam de acordo com o “ministério”. Como exagerado pelas autoridades do LSM, “o Corpo” era *versus* “as igrejas”.

Tendo ouvido “o Corpo” mencionado com tal regularidade mecânica, a pergunta ardente tornou-se “Quem ou o que é o Corpo?”

O Movimento Igreja Local tem duas maneiras de responder a essa pergunta. Uma é a versão de relações públicas que foi criada para ser apresentada a pessoas de fora. Ela contém uma ampla linguagem inclusiva que afasta as críticas e dá ao Movimento um verniz de normalidade. A outra maneira de definir o Corpo de Cristo é apenas para consumo interno. Ela vê o Corpo como sendo exclusivamente a coleção de igrejas locais aprovadas pelo LSM. Essas igrejas são membros que devem se mover em harmonia com os outros membros sob a direção da Cabeça, representada pelo “ministério”. Onde tal cooperação pode ser negligente, os representantes do ministério firmemente lembram que “o Corpo” supera as pequenas igrejas humildes. Essa atitude, claro, nunca é veiculada na frente da revista *Christianity Today Magazine* e nunca desfilou em torno da *Christian Evangelical Publisher’s Association*. Fazer isso provavelmente levaria a críticas públicas. No entanto, são precisamente essas atitudes internas ocultas que guiam a liderança do Movimento ao lidar com indivíduos e igrejas membros.

Com o passar dos anos, à medida que presbíteros como eu se tornavam mais vulneráveis ao controle do LSM, a retórica do “Corpo” aumentava, enquanto a ênfase nas igrejas praticamente desaparecia. Dizia-se que as igrejas eram “meramente os meios” para alcançar o ideal, que era o Corpo consumado na Nova Jerusalém. A pretensa intenção era viver a vida hoje como se já fosse a próxima era, uma proposição altamente disfuncional se fosse absolutamente seguida.

No entanto, o objetivo pretendido não era realmente a Nova Jerusalém. Era o desejo dos delegados do ministério removerem os obstáculos da igreja local. O diretor do ministério estava cansado da interferência no nível local, mas é dos presbíteros a escolha de liderar a igreja em vez de entregar essa responsabilidade à sede.

“A obra” (a atividade organizada do “ministério”), queria falar diretamente com os santos, moldar seus valores e direcionar poderosamente suas alianças. Supunha-se que as igrejas-membro funcionariam muito melhor como atividades de treinamento local e salas de aula do que uma família da fé. “Dois anos de treinamento equivalem a vinte anos de vida da igreja”, foi a declaração oficial. Assim, a infeliz influência da “obra” reduziu as congregações de seu estado já debilitado para uma coleção de grupos de ministérios pré-fabricados.

Era como se um lenhador tivesse tomado uma árvore, uma coisa de vida e beleza simétrica natural, e então decidido aperfeiçoá-la cortando-a, cortando-a em pedaços e juntando-a em uma mesa de centro. Seria mais funcional para o construtor, mas nunca mais uma coisa da vida.

O movimento da igreja local – Grupo de Igrejas ou Obra Global?

Apesar dos esforços de Watchman Nee em livros como **A Vida Normal da Igreja Cristã** para manter a igreja e a “obra” separados, a maior porcentagem das Igrejas Locais são agora indistinguíveis do Living Stream Ministry. Isso sugere fortemente que eles não são um grupo de igrejas, mas uma obra global consolidada. Hoje, certamente, não ouvimos falar de ministros ou obras relacionados a essas Igrejas locais que não tenham relação com o LSM. Qualquer um que tenha ameaçado aparecer foi totalmente colocado na lista negra.

O alinhamento exclusivo entre as Igrejas Locais e o LSM resultou em repercussões notáveis. Um deles é o excesso de zelo [apego] do Movimento Igreja Local com a cultura na qual sua obra começou. As igrejas do movimento não são, como dizem, uma representação da comunidade de crentes locais. Isto é corroborado pela representação e características asiáticas prevaletentes vistas em todas as suas congregações. Digo isso sem pretender ofender os muitos bons cristãos de língua chinesa que se reúnem com as Igrejas Locais. No entanto, devemos honestamente reconsiderar o tão celebrado orgulho de ser o “Um Novo Homem” e, portanto, estar acima da cultura.

O pensamento e a cultura oriental permeiam o Movimento Igreja Local ao ponto de que em alguns lugares igrejas inteiras são agora de língua chinesa. É claro que, do ponto de vista espiritual, nada está errado com isso. Aos olhos de Deus, a raça não é um fator que permita a uma pessoa obter melhor acesso a Ele do que outra (Cl 3:10-11; Ef 2:14-15). No entanto, de acordo com o testemunho (nossa apresentação de nós mesmos para as outras pessoas em uma cidade), é outra coisa. Não importa que tipo de era iluminada em que vivemos hoje, pessoas típicas locais que visitam uma congregação sempre observam sua composição racial. Se a porcentagem de participantes parecer racialmente desequilibrada, eles marcarão a congregação como uma igreja étnica e não voltarão. Por exemplo, se a população mexicana de uma cidade é de 1%, mas a representação mexicana na igreja é de 40%, então um observador concluirá que algo é peculiar. E a situação seria exacerbada se a adoração fosse realizada principalmente em espanhol. Você poderia desafiar os críticos com Colossenses 3 e Efésios 2, mas eles dirão que não estão fazendo declarações racistas, apenas que não estão interessados em um ministério mexicano.

Se você fala chinês, coloque-se nesta situação: viaje de volta a Taipei e participe de uma reunião onde 85% dos participantes são etíopes. No começo você está perplexo. Você não tinha ideia de que tantas pessoas etíopes estavam em Taipei. Então você percebe que não há tantos - na verdade, menos de 1%. Sua próxima pergunta é por que todos eles se congregaram naquela igreja. Então você descobre que a figura principal em seu ministério é etíope e que o movimento começou na Etiópia e se espalhou para Taipei no início dos anos sessenta. Ainda assim, você tenta ser amplo,

lendo seus materiais e adotando seus ensinamentos. Não demora muito para que você comece a sentir as atitudes etíopes sobre autoridade, família, resolução de disputas, papéis femininos, etc. Quando você está incomodado, então lhe dizem que você deve abandonar seus modos chineses e ser transformado. O que acontece na igreja é estranhamente disfuncional, embora pareça fazer sentido para os descendentes etíopes. Isso, será firmemente dito, é o caminho da cruz. Os versículos são apresentados para apoiar as alegações, embora expostos com um sabor etíope distinto.

A sala de reuniões está localizada no meio de Taipei, mas é muito difícil trazer outros chineses para as reuniões lá. Seus amigos chineses asseguram que as pessoas da igreja etíope são boas, mas é, afinal, uma igreja onde a comida, expressões, linguagem e companheirismo são em sua maioria africanos. Após anos de uma taxa de crescimento da igreja enlouquecedora e lenta, você fica frustrado. No entanto, os santos apontam para você que o Senhor está se movendo em outros lugares do globo. Você vai a alguns desses lugares - Cingapura, Malásia, Colúmbia Britânica, Argentina e Noruega. Todos são significativamente etíopes ou pelo menos sobrepostos à cultura etíope. A única explicação dada para isso é que o Senhor está se movendo entre os etíopes. Nenhum membro veterano da igreja considera que isso esteja ocorrendo devido às igrejas serem dominadas por uma única obra nascida na Etiópia.

Quando você se aproxima da liderança da igreja de Taipei (que é 75% etíope), eles refutam bem suas preocupações com Colossenses 3 e Efésios 2, mas finalmente decidem que talvez devam tentar fazer algo para acomodar a maioria da população que fala chinês ao seu redor. Assim, os santos etíopes tentam cozinhar comida chinesa e tentam agir de forma mais chinesa. A liderança animadamente elogia isso como “entremesclar”, mas o resultado é que nem os santos etíopes nem os visitantes chineses estão confortáveis.

Agora transponha este exemplo para a América do Norte. Os fatos da história mostram que o Movimento Igreja Local veio para este continente do Extremo Oriente por Witness Lee e que do começo ao fim ele era seu líder mais proeminente. Apesar de todos os protestos em contrário, era um “show de um homem só”, apenas Witness Lee. Não havia elemento de equilíbrio, nenhum outro ministro de *status* igual (e de uma cultura diferente) como um T. Austin-Sparks. Além disso, em muitos lugares, os membros pioneiros da Igreja Local emigraram do Extremo Oriente e desempenharam um papel importante no seu desenvolvimento aqui também. O resultado foi uma rede de igrejas que em muitos aspectos era decididamente oriental.

Sempre que existe um monopólio ministerial dentro de um movimento religioso, as peculiaridades de sua cultura doméstica dominam. Eles aparecerão de maneiras repulsivas a contextos estrangeiros. Pior, a própria espiritualidade tenderá a ser definida de acordo com a imagem dessa cultura. Isso é extremamente reconhecível no Movimento Igreja Local, onde a única obra sancionada confundiu a cultura asiática com o “Um Novo Homem”. Naturalmente, isso cria

atrito com os hábitos das culturas indígenas que ela penetra, como a da América, com sua tendência a dar opiniões, pergunta, desafio e piada. Por causa disso, muitos assuntos considerados normais pelos ocidentais foram rotulados como não-espirituais. Os ocidentais compatíveis com a Igreja Local que tentam alterar suas impressões digitais culturais para serem mais amigáveis ao Movimento, tornam-se um tipo estranho de híbrido entre o leste e o oeste para aqueles que os rodeiam.

Onde quer que uma igreja esteja preenchida com essa dinâmica, o visitante chegará à conclusão de que algo não é normal. Talvez o pessoal da igreja use inicialmente rostos canadenses, americanos, africanos ou alemães. Mas, com um pouco mais de tempo, eles começarão a parecer peculiares aos seus próprios compatriotas. Isso não será “peculiar” do modo como é falado em 1 Pedro 2:9, onde o *status* escolhido pelos crentes os torna peculiares. Será peculiaridade de acordo com a cultura humana estrangeira.

Em muitos casos, as coisas caracterizadas como anímicas ou espirituais eram, na verdade, apenas diferenças culturais. Julgamentos transmitidos sobre a inclinação americana para o humor e o individualismo poderiam ser facilmente aplicados à ênfase asiática na conformidade comunitária e no respeito pela autoridade. Obviamente, existem extremos pecaminosos associados a todas as culturas humanas. No entanto, supondo que as diferenças amorais sejam más, desmente a ignorância da sociologia básica.

Sempre haverá pessoas de coração largo que podem administrar a vida da igreja fora de sua zona de conforto social. Eu recomendo isso. Na verdade, eu sou uma dessas pessoas. Os primeiros anos da minha experiência na igreja (e da minha esposa) foram vividos na Alemanha e no México. Durante esse tempo, sempre fazíamos parte da minoria que precisava de tradução, que tinha dificuldade com a comida e, além dos cuidadosos esforços especiais de alguns, perambulavam após reuniões sem noção, enquanto todos os outros visitavam seus amigos. Nós ainda conseguimos pessoalmente prosperar e crescer. No entanto, esperar que todos sejam esse tipo de pessoa não é realista. Onde quer que a mistura étnica seja desproporcional aos locais, eles vão parabenizá-lo pela sua diversidade, mas evitarão sua congregação como uma opção de lar da igreja. Subjacente à sua reação, estará a questão mais básica de saber se você é realmente uma igreja local constituída de pessoas locais ou uma importação estrangeira de algum tipo.

Nada disso sugere que atender às necessidades das populações imigrantes locais está errado. A igreja em geral precisa de várias obras para alcançar todos os grupos étnicos e congregações de coração largo para recebê-los. No entanto, uma igreja em uma cidade com constituintes minoritários que afirmam ser o “Um Novo Homem” e não influenciado pela cultura é uma piada. Também não é preciso um escrutínio muito penetrante para estabelecer esse fato.

Geralmente, evidências disso aparecem de maneira humorística e inesperada. Um irmão me contou sobre um grupo de *campus* coreano que usou como linha de abertura: “Você quer estudar Bíblia?” (Com o artigo “a” omitido). O grupo ganhou alguns caucasianos que, quando começaram a participar do evangelismo em grupo, abordaram pessoas com a mesma linha: “Você quer estudar Bíblia?” Uma vez que coisas estranhas como essa se acumulam, uma cultura dominante não pode mais permanecer oculta de vista. Lembrou-me da maneira engraçada como dizemos “aqueles que servem” em vez de “servos” ou “os novos” em vez de “novas pessoas” ou “pessoas jovens” em vez de “jovens” - apenas algumas das excentricidades lingüísticas estrangeira, o que era simplesmente apelidado de “irmão Lee *Chenglish*” [uma junção do chinês com o inglês falado pelo irmão Lee]. Não há nada inerentemente errado com as sutilezas desse vocabulário, mas soa de forma estranha para os ouvintes americanos¹.

Como aqueles envolvidos no trabalho do *campus* coreano, onde quer que o tecido de um grupo esteja saturado com um único ministério, padrões inconscientes existirão entre seus membros. Os visitantes sempre perceberão, mas se eles falarem, os membros ficarão irritados, sentindo que os “novos” estão fazendo muitas coisas inconsequentes. Geralmente, não é que as coisas sejam insignificantes. O problema é que os veteranos do grupo ficaram entorpecidos com suas próprias idiossincrasias contraculturais.

Embora o ensino do Movimento Igreja Local negue que “O Novo Homem” está contaminado com qualquer tipo de cultura, é duvidoso que tenha existido um testemunho tão incolor de Jesus Cristo, completamente indiferente ao ambiente humano e ao passado. Também não é provável que a vida aqui fosse destinada a ser assim. Usar Efésios 2 ou Colossenses 3 para eliminar a cultura na terra é usar mal essas passagens. Em vez disso, deve-se lembrar aos santos que nem a raça nem a cultura deveriam impedir a comunhão no Corpo de Cristo, nem fazer declarações de valor sobre o valor de um cristão em detrimento de outro. A cultura não é o inimigo. De fato, quando as culturas são ridicularizadas e inferiorizadas como *ipso facto* não espirituais, a cultura de alguém prevalece, mesmo que seja apenas em um nível inconsciente.

Nossa preocupação, então, não é se uma cultura está presente na igreja, mas se ela está em forte variação com o mundo imediato ao seu redor. Seja qual for a congregação que se torne muito diferente da cultura predominante na qual ela está localizada, ela será tratada como estrangeira e, portanto, inaceitável para as pessoas que ela alega alcançar.

Nós fomos rapidamente atingidos por esta realidade em Uganda na África. Um dos itens culturais que apoiaram nosso trabalho foi nossa escolha musical – o famoso hinário negro publicado

¹ Nota do Tradutor: a observação feita nesse parágrafo (ênfase na influência peculiar da maneira chinesa de falar o inglês) faz mais sentido na língua inglesa do que no português.

pelo Living Stream Ministry – e nossa maneira de cantar as músicas nele. Desnecessário dizer que o seu conteúdo representa fortemente a música europeia do século XIX. Depois de alguns meses desse estilo de canto, uma congregação participante rapidamente diminuiu de 200 para cerca de 6. Parece que, entre outras coisas, ignoramos a cultura do canto local com sua forte afinidade com a música cristã contemporânea e os sons tribais locais. A comunidade não estava interessada em nossa estranha mistura de bagagem de igreja local americano-chinesa. Mas em vez de nos falar sobre isso (o que os ugandenses foram muito educados para fazer), eles votaram com os pés e quase todos desapareceram. Previsivelmente, quando permitimos que outro trabalho musical penetrasse na igreja em desenvolvimento, as pessoas começaram a encontrar o Senhor dentro de uma matriz reconhecível e menos ameaçadora. Seus pés mais uma vez votaram, exceto que desta vez para se juntar a nós.

Resolver o problema da discordância cultural não envolve a realização de uma caça às bruxas contra características culturais estrangeiras entre nós. Lembre-se, todos os tipos de pessoas estarão na igreja hoje, especialmente como resultado de uma comunidade mundial que se torna cada vez mais integrada. Em vez disso, à medida que afrouxamos o aperto de “uma obra” sobre as igrejas (seja a “obra única” passada ou futura qualquer que seja), e permitimos várias ajudas, então muitas peculiaridades naturalmente se suavizarão.

A grande Árvore

As Escrituras não nos mostram uma entidade de trabalho [a obra] exclusiva abrangendo a igreja, nem uma entidade de trabalho [a obra] distinta e separada existente. Todos os santos foram reconciliados em “um só corpo pela cruz” (Efésios 2:16). Nós também vemos que “Deus colocou os membros, cada um deles, no Corpo como Ele quis” (1Co 12:18). Nós não vemos que Deus nos reconciliou na “obra” ou nos colocou na “obra”. Então, o que é essa misteriosa atividade que agora artificialmente dita o curso de tantas Igrejas Locais?

Por observação, aprendemos que o responsável pela “obra” é liderado por pessoal vinculado ao LSM através de diretorias sobrepostas e fluxos financeiros de fundos. Estes incluem o Projeto de Defesa e Confirmação (DCP), Bíblias para a América (BFA), o Mover do Senhor para a Europa (LME) e vários centros de treinamento. É uma estrutura de várias camadas, onde aqueles de *status* sênior ocupam os escalões superiores com um obreiro no topo que pode ser chamado de “apóstolo”, “irmão coordenador”, “irmão responsável” ou alguma outra designação de honra.

A obra do movimento tem suas próprias regras de conduta, arranjos financeiros, políticas, entidades corporativas e até mesmo seu próprio cemitério (*Grace Terrace Memorial Gardens*). Para evitar a aparição flagrante da hierarquia, os poucos tomadores de decisão reais são mantidos

envoltos na descrição vaga dos “irmãos entremesclados”. Isso funciona de maneira bastante conveniente quando surgem repercussões de decisões erradas ou injustas.

Em suas piores formas, “a obra” não é necessariamente preenchida com os mais espiritualmente produtivos ou talentosos. Pode até não ser preenchida com “o chamado”. Como em qualquer atividade incorporada onde dinheiro e prestígio são abundantes, a obra do Movimento tende a ser tripulada com os mais leais e ambiciosos. Na sua extremidade inferior estão os simplórios que se oferecem para serem usados pela organização em troca de reconhecimento, ofertas financeiras e lugares relativos de importância. Estes estão dispostos a fazer o que for preciso para avançar na agenda dos superiores reconhecidos. Eles são o pior tipo de “homens positivos”, nem sempre ousando discordar substancialmente mesmo diante de decisões anti-bíblicas.

Os dissidentes podem ser facilmente isolados, rebaixados e depois eliminados. Isso significaria desastre pessoal. Por nunca terem desenvolvido um ministério próprio, tais “obreiros” não têm valor em relação à comunidade cristã maior. As credenciais que gastaram tanto tempo e energia acumulando em seu pequeno mundo pareceriam “jogar dinheiro” para os cristãos fora dos círculos da Igreja Local. Portanto, para eles, a separação da “obra” significaria o fim do serviço cristão.

Desnecessário dizer que este resumo patético não combina com nenhuma obra de Deus na Bíblia. Uma vez que o “ministério” do Movimento não permite os freios e contrapesos de outras obras, ele passou de um pequeno encargo espiritual na China para uma árvore cheia de trabalhadores que se empoleiravam. As igrejas produzidas por ele não são muito mais do que apêndices anêmicos ligados aos seus ramos. Além daquela árvore, elas morreriam rapidamente, tornando-se pouco mais do que postos avançados dependentes de homens e materiais.

De fato, a maneira mais apropriada de se referir a uma igreja do Movimento hoje não é uma igreja em uma cidade, mas o Living Stream Ministry em uma cidade.

Obras dentro da obra

A Nova Aliança tem uma atividade fora dela chamada “a obra do ministério” (Efésios 4:12). Disto não há dúvida. A questão é se um indivíduo pode afirmar que o trabalho específico que está fazendo pode ser classificado como “a obra”, excluindo outros. Considerando os dados bíblicos sobre a descrição da obra do Novo Testamento, nós a consideramos amplamente definida como:

1. A salvação dos pecadores;

2. O crescimento subsequente daqueles que são salvos em áreas de percepção espiritual, conhecimento, companheirismo e a formação de moralidade e virtudes que fazem o crente se parecer com Seu Salvador;

3. A edificação de relacionamentos baseados na fé entre os crentes da comunidade, caracterizados pelas virtudes mais elevadas de amor, longanimidade, perdão, arrependimento, mansidão, etc.;

4. A formação saudável de relações éticas no emprego, no casamento, na cidadania, nos papéis parentais e, em geral, em toda a humanidade que habita a comunidade mundial;

5. Trabalhos baseados na compaixão para com os necessitados em nome do Senhor;

6. O aperfeiçoamento de dons que permitem as cinco áreas anteriores;

7. A fundação e estabelecimento de igrejas que incorporam as seis áreas anteriores.

Quase todo empreendimento bíblico saudável existente entre os cristãos pode se encaixar em algum lugar nessa grade. O verdadeiro ministério é compartilhado por muitos ministros. A obra real é compartilhada por muitos obreiros. Uma alusão a isso pode ser vista no mandamento do Senhor de “orar ao Senhor da seara para enviar trabalhadores [no plural] à Sua colheita [singular]” (Lucas 10:2). Paulo também abraça este pensamento quando ele escreve que “nós [plural] temos este ministério [singular]” (2 Cor. 4:1). É verdade que apenas um grande ministério global existe, mas os esforços para executá-lo são variados além da coreografia mortal. Uma associação que organiza todos os obreiros e comanda a lealdade de todas as igrejas locais é desconhecida das escrituras.

Encontramos em Atos 13 o Espírito Santo dizendo de Paulo e Barnabé: “Separa-os agora para a obra para a qual eu os chamei”. Nesta declaração, vemos a obra, mas também vemos que é o trabalho ao qual “Eu lhes chamei”. Foi o trabalho especificamente designado para Barnabé e Paulo. Sua saída de Antioquia não invalidou os esforços de outros crentes em toda a região. Muito tem sido dito de Atos sendo o registro do trabalho divino, e com isso eu concordo, mas um número de passagens parafraseam eventos que o escritor não tinha desejo (nem espaço) de cronicar. Lucas não nos diz o que todos os Doze Apóstolos e outros obreiros realizaram. No entanto, os mestres do Movimento normalmente supõem que, se algo não foi gravado em Atos, isso não aconteceu ou simplesmente não contou diante de Deus.

Omissões no livro de Atos devem ser vistas como semelhantes ao famoso versículo de João, que diz que “há também muitas outras coisas que Jesus fez, que se fossem escritas uma a uma, eu suponho que nem mesmo o mundo poderia conter o livros que seriam escritos. Amém” (21:25). João estava dizendo que seu evangelho não era um registro completo e exaustivo. Algum material foi deixado de fora por causa de considerações de espaço e encargo. Tampouco Atos é um registro

exaustivo da obra do Novo Testamento, embora seja excelente com Pedro, Paulo, Filipe, Estevão e Apolo sendo exibidos lá. Encontramos implicações que apontam para pequenas jornadas ministeriais conduzidas pelo desconhecido e sem nome. Eles eram, sem dúvida, menores em escopo, mas não necessariamente menores em qualidade. As igrejas pontuaram a Judéia sem nenhum registro claro sobre quem as criou. Antioquia e Roma foram duas igrejas centrais cujas raízes não podem ser atribuídas a qualquer empreendimento apostólico individual ou oficial. Talvez seja suficiente dizer que “a obra”, o movimento da Cabeça através dos membros, o fez.

O fato de que Paulo e Barnabé deixaram Antioquia para realizar o ministério, não significa que o trabalho do Espírito em outras localidades foi suspenso. De fato, a obra dos profetas e mestres em Antioquia continuou (e em todos os outros lugares), sendo tão autêntico e importante para Deus quanto a missão que os apóstolos estavam prestes a embarcar. Quando o Espírito Santo disse sobre Paulo e Barnabé para “separá-los”, foi uma separação de sua obra em curso em Antioquia. Assim, uma separação divinamente sancionada ocorreu em uma atmosfera de oração e concordância fraternal. Esse novo empreendimento, de menor porte, teria como alvo as grandes massas da humanidade não alcançada e se mostraria tão estratégico quanto a obra dos pais [apostólicos].

Embora Paulo e Barnabé mais tarde voltassem para Antioquia, não podemos ver indícios de que tenha sido por outra razão que não a comunhão espiritual. Sem dúvida, os crentes em Antioquia haviam apoiado sua missão com a oração. Possivelmente eles também haviam financiado e os dois homens queriam anunciar o fruto de seu trabalho para eles. Mas não vemos Paulo se reportando para receber mais ordens. À medida que seu ministério progressivamente se manifestava e ele passava muito tempo no campo missionário e com as igrejas que ele havia criado, Antioquia se tornou o proverbial “ninho vazio” em relação à sua atividade.

E esta é apenas uma das muitas obras possíveis no princípio de Efésios 4:11. Lá encontramos uma coleção de apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres aperfeiçoando os santos para a obra do ministério. Para aqueles que sentem uma necessidade compulsiva de “coordenação”, esse arranjo soa disfuncional. Afinal, é uma lista de diversos obreiros que trabalham globalmente sem supervisão administrativa. Tampouco há qualquer indicação de que isso deva ser alinhado em um esquema de serviço em pirâmide com Paulo, Pedro ou qualquer outra pessoa no topo. Menos ainda encontramos quaisquer ordens apostólicas dadas sobre como os obreiros deveriam se coordenar em uma única companhia.

O único exemplo que vemos é o de diversas obras que atendem a muitas necessidades. Essa descentralização, é claro, minimiza a possibilidade de um obreiro entronizar-se acima dos outros e afirmar que apenas sua obra é a obra do ministério. Além disso, contrariamente à ênfase do Living Stream, o texto grego não enfatiza “a obra” ou “o ministério”. Os artigos definidos (“o/a”)

não aparecem no texto grego. A frase poderia igualmente ser traduzida como “santos para serviço ministerial”.

A Obra tentando guardar a unidade

Nenhuma tentativa foi feita no registro do Novo Testamento para formar um sistema de conexão entre as igrejas. Se algum existisse, então, aparentemente, o Espírito Santo escolheu não trazê-lo para a frente como uma questão importante a ser copiada ou implementada.

No entanto, a suposta vontade e testamento de Witness Lee determinou que [as igrejas locais] se reunissem várias vezes ao ano para “entremesclar”. A necessidade dessas atividades, que agora são aceitas como necessárias, tem sido exagerada. Com tal cultura de conformidade entre as igrejas locais, é difícil imaginar qualquer igreja que precise misturar suas diferenças, especialmente quando elas já são 99,9% iguais! Mesmo se nenhuma conferência ocorresse pelos próximos vinte e cinco anos, vídeos, livros e visitas continuariam a exercer uma forte influência de conformidade sobre as congregações e membros. É irônico que os membros da Igreja local gastem muito tempo para “se misturar” com outras igrejas locais (virtualmente idênticas). Isto, ignorando as congregações de *não-Igreja Local* nas proximidades de outros crentes em suas próprias cidades, que também pertencem ao único Corpo de Cristo. Se o “entremesclar” fosse um mandamento divino, então o cenário local é exatamente onde seria realmente necessário!

Originalmente, a cultura da conferência do Movimento Igreja Local pegou por causa de seu poder inerente. Agora, os eventos que passam por conferências são remanescentes fantasmagóricos do que eram antes. Na maior parte, ainda conseguem ocupar calendários por causa da péssima condição das igrejas-membro. As congregações que participam continuamente dessa vida extra da Igreja local são movidas por uma sensação de isolamento e ociosidade. Elas não podem se dar bem com os cristãos locais por causa de sua tendência religiosa óbvia contra eles, então elas estão sozinhas, isoladas em um pequeno grupo exclusivo.

Além de distribuir mecanicamente a literatura do LSM, elas não podem se mobilizar para qualquer trabalho significativo que afete sua comunidade. Líderes e membros congregacionais mais ativos, portanto, sentem a necessidade regular de escapar e encontrar encorajamento em outro lugar. As grandes multidões do ambiente da conferência e as mensagens imensas temporariamente satisfazem essa necessidade. Essa confiança em atividades e pessoas extra-locais para nutrição e direção espiritual é insalubre, para dizer o mínimo. Ela manteve as igrejas locais em um estado perpétuo de ineficácia, tanto quanto qualquer efeito redentor sobre suas cidades.

O efeito cumulativo da vida em conferências sobre a condição interna das igrejas é sombrio. Apenas uma certa porcentagem dos santos assiste a esses eventos especiais, deixando a maioria

indiferente em casa. Além disso, o conteúdo da conferência pode ser irremediavelmente teórico e reciclado ao longo dos anos até o absurdo. Os participantes que querem “trazê-lo de volta em um saco” para aqueles que ficaram em casa, geralmente acabam fazendo isso em um cenário que preenche a descrição de “aprender sempre e nunca chegar ao conhecimento da verdade” (2 Tim. 3:7).

Nenhum dos apóstolos praticava reunir todas as igrejas regionalmente, nacionalmente ou internacionalmente, a fim de “manter a unidade” ou “misturar” ou “unir forças”. Se os cristãos do primeiro século quisessem se reunir extra-localmente, eles poderiam facilmente ter feito assim em Jerusalém durante as festas do Antigo Testamento. No entanto, não há indicação de que eles fizeram isso ou que os apóstolos sempre encorajassem tais reuniões. Geograficamente falando, algumas igrejas eram muito próximas, como Colossos e Laodicea (apenas 7 milhas de distância). Mas, além de ler as correspondências de Paulo para cada uma (cfr Col. 4:16) e compartilhar amizades informais (cf. Col. 4:15), não há nada dito sobre a necessidade de as igrejas nesses lugares terem eventos de “entremesclar”.

Nenhum registro existe nem são dados comandos para múltiplas grandes convocações entre as igrejas. Em vez disso, vemos obreiros de tempo integral, não santos, viajando de um lugar para outro, trabalhando, trazendo suas saudações de outras igrejas, suas notícias e sua comunhão. O exemplo mais próximo que encontramos de uma rede inter-eclesiástica foi uma oferta de alívio de uma só vez de várias igrejas para os pobres na Judéia. Paulo estava centralmente envolvido neste trabalho, viajando, coletando doações e trazendo-as de volta para os irmãos afetados. Ele não fez isso com o objetivo declarado de colocar todos juntos. Até onde sabemos, não havia nenhum circuito regular de ofertas em nome de misturar as igrejas.

Sugestões sobre como utilizar obreiros

Eventos extra-locais patrocinados pela obra são muitas vezes uma réplica à condição desanimada ou solitária das igrejas locais. Uma trombeta é tocada e um tambor é batido para estimular a assistência, mas menos soldados respondem com o entusiasmo que outrora tinham feito. Obreiros de tempo integral suspiram e lamentam a visão estreita de seus irmãos localizados. Eles então começam a falar de “o quadro geral” ou “o Corpo” ou alguma outra grande ênfase que reunirá as igrejas. No entanto, existem soluções mais fáceis para o mal-estar da igreja que não exigem hotéis, tempo precioso de férias, viagens que cruzam o mapa, assentos vagos em todas as férias da família e um comparecimento às reuniões locais regularmente prejudicado.

A maioria das igrejas locais (as honestas) tem um senso de resignação quando se trata de trabalho espiritual. Seus esforços para gerar uma mão-de-obra local no passado tiveram pouco ou

nenhum sucesso. Investimentos generosos de tempo e dinheiro resultaram em baixos retornos. Então agora eles decidiram ficar com o que sabem - reuniões e materiais. Pior ainda, alguns justificam essa postura, dizendo: “Não estamos aqui para fazer uma obra, estamos aqui para ser um remanescente fiel” e outros chavões espirituais.

A questão é: estamos aqui para fazer algo mais do que trocar ensinamentos por café? Digo isso com desculpas para aqueles que foram prejudicados por isso e pelo “fluir” ao longo dos anos, mas acredito que há muito trabalho a ser feito. E não, eu não penso que muito do que feriu os santos no passado contasse como uma verdadeira obra do Novo Testamento. Essas coisas tendiam a ser esquemas calculados para criar uma seita peculiar do cristianismo.

É hora de juntar-se à obra autêntica e não sectária do Novo Testamento modelada nas escrituras. Nos próximos capítulos, abordarei alguns dos fatores que sabotaram nossos esforços para alcançar as pessoas. Entretanto, é suficiente dizer que um esforço local para fazer a obra de Cristo tem um grande potencial. Pode ser tão gratificante, que ninguém envolvido estará contando os dias até a próxima gloriosa atividade fora da cidade. Na verdade, quando você participa de conferências ou workshops relevantes, você os achará muito mais lucrativos se seu foco principal for a cidade em que você mora.

Então, primeiro de tudo, não fique ocioso. Nada corrói o moral como a inatividade. Os santos podem tolerar certo nível de fricção e até mesmo o caos, desde que os líderes possam apontar um avanço gradual. Ninguém, no entanto, quer dedicar sua vida a uma igreja que perdeu toda a sua força de movimento. Defina metas de curto e longo prazo na área de pessoas afetadas – um plano para estudantes, vizinhos ou solteiros ou para uma comunidade em particular. Escolha um grupo-alvo que corresponda aos presentes residentes em sua igreja. Se você não sabe como começar um determinado empreendimento espiritual, leia alguns livros sobre o assunto ou consulte os cristãos da área que têm algum sucesso no esforço que você está contemplando.

Eu percebo que isso vai contra a nossa cultura anterior. Aprendizagem inovadora é desaprovada no Movimento Igreja Local, especialmente onde pode envolver a ajuda de outros cristãos. “Não recebemos nada do cristianismo, por melhor que seja” tem sido, durante anos, a atitude transmitida por plataformas públicas. É difícil saber o que é pior: a determinação de não receber ajuda de cristãos genuínos ou dos lugares que o Movimento acabou recebendo ajuda. Durante as campanhas de batida às portas dos anos 80 e a formação dos dois anos de treinamento (FTTA), as Testemunhas de Jeová e os Mórmons foram repetidamente citados como modelos de sucesso de imitação – duas das piores expressões da cristandade herética! Com isto em vista, certamente parece ridículo recusar ajuda daqueles da herança ortodoxa. E sem dúvida, frutos mais saudáveis provavelmente nascerão disso.

Obviamente, ex-obreiros qualificados devem ser considerados como fontes valiosas de assistência. Embora eles possam ter alguns dos mesmos pontos cegos que você tem, eles entenderão melhor as armadilhas culturais de sua igreja do que qualquer outra pessoa. Faz sentido convidar obreiros que têm ministérios não disponíveis para você localmente (claro que isso deve ser feito em coordenação com a liderança local).

Idealmente falando, os obreiros em tempo integral devem ser vistos como consultores, isto é, pessoas que podem ajudar a produzir uma nova direção, ou aqueles que podem ajudar em uma que já esteja em andamento. Eles podem visitar eventos especiais, como conferências ou workshops locais, mas nunca devem ser sistemas de suporte à vida. Isso significaria que enquanto a “unção” em um obreiro especial estiver presente, a igreja é abençoada. Mas enquanto ele está fora, a igreja flutua sem rumo, esperando que ele forneça alimento ou o mais novo conjunto de ordens de marcha. Não deveria ser assim. O ministério perspicaz e a liderança, a força vital diária da igreja, é responsabilidade dos crentes locais.

Isso obviamente coloca um encargo sobre a liderança da igreja para se ir além da mediocridade. Enquanto não for dada atenção para o desenvolvimento de serviços de primeira classe, uma congregação irá fracassar indefinidamente e simplesmente nunca crescerá. Afinal, por que os santos recomendariam a igreja a seus amigos quando o ensino e a liderança estão abaixo do padrão? Se ele possui os dons apropriados, um obreiro visitante pode oferecer oficinas sobre boas habilidades de pregação, pastoreio prático, como preparar jantares do evangelho, até mesmo como lidar com as dificuldades na igreja. Em todas essas circunstâncias, o objetivo seria enriquecer a eficácia da igreja em relação à comunidade que a rodeia e, assim, permitir que ela se mantenha firme.

Talvez a fraqueza mais séria no futuro de qualquer ex-igreja do Movimento seja seu núcleo de serviço tradicionalmente destreinado (apesar de incontáveis eventos de “treinamento” que só se especializaram em aspectos teóricos). Enquanto celebramos o sacerdócio universal dos crentes, isso dificilmente deve significar o sacerdócio universal dos “yahoos” - pessoas com o mínimo de conhecimento ou compreensão do que estão tentando fazer (enquanto eles falam como se escrevessem o livro sobre isso).

Há duas palavras muito importantes para lembrar: procure ajuda. Recentemente, nosso ministério do *campus* chamou obreiros de outro grupo para receber conselhos sobre como uma banda de louvor pode efetivamente operar. Sentamos em volta de uma mesa e fizemos uma pergunta após outra, obtendo importantes ângulos sobre o que fazer e como ver certas coisas. Ninguém chamou isso de treinamento, mas foi exatamente o que foi. Em vez de tentar reinventar a roda, optamos por recorrer à ajuda de obreiros que já haviam “estado lá, feito aquilo”. Os resultados foram instrutivos e encorajadores.

Como um último conselho sobre como aproveitar os benefícios dos obreiros, participe de conferências estrategicamente cronometradas. Se isso soa como uma contradição de como eu comecei esta subseção, então deixe-me fazer algumas qualificações.

Sim, ocasionalmente, acertar a trilha da conferência, mas não morar lá. Alguns no Movimento Igreja Local gastam mais tempo em aviões do que orando e planejando a salvação de seus bairros. Como um irmão disse tristemente: “Eles vão dirigir por horas para uma conferência, mas acham difícil dirigir dez minutos para realizar qualquer trabalho local significativo.” Depois de todas as “festas” e várias atividades ao redor do mundo, nenhuma energia ou interesse permanece para a falha situação de pobreza em casa. O moinho de propaganda, no entanto, sempre relatará grandes vitórias em algum lugar distante da igreja de alguém, longe de casa. Mas fique tranquilo, nunca será sua localidade.

Para aquelas congregações industriosas que esperam fazer a diferença onde vivem, frequentar conferências bem planejadas e relevantes pode ser um tiro certo no alvo. Um pouco de tempo pode aperfeiçoar visões e dar sugestões úteis sobre a realização de trabalhos locais. Isso não significa que toda a igreja deva participar, nem significa que somente as conferências organizadas pelos obreiros da igreja local devam ser consideradas. Há muitos exemplos excelentes de oficinas/conferências cristãs especializadas em tudo, desde valores familiares a liderança, até o desenvolvimento de habilidades ministeriais.

Suportando os trabalhos

A obra do Movimento gerou muitos “fluíres” sem sentido e prejudiciais. A infeliz reação de tudo deixa santos e igrejas suspeitos de qualquer empreendimento em tempo integral. Por exemplo, as atividades ministeriais devem ser materialmente apoiadas? A Bíblia fornece exemplos afirmativos. De fato, a grande maioria dos grupos cristãos saudáveis apoia algum tipo de ministério para-elesial e vê isso como um investimento no Reino. Um dos deveres da liderança da igreja deve estar em avaliar o valor de várias obras. Exatamente como eles se encaixam na obra geral do Novo Testamento? Eles promovem os interesses de Cristo? O apoio orçamentário parece bom para os santos e para o Espírito Santo?

Até que a presente era das riquezas morra, até as obras mais espirituais requerem algum tipo de investimento financeiro. Isso é mais óbvio quando o chamado ministerial ocasionalmente colide com o emprego secular. Um indivíduo pode ser levado a deixar seu emprego, pois não há tempo suficiente para efetivamente permanecer empregado e buscar a obra para a qual o Espírito Santo o chamou. Com o tempo, um grupo de irmãos com lideranças semelhantes pôde juntar-se a ele em seus esforços no ministério (como os colegas de trabalho de Paulo). A igreja em geral pode

ver isso como uma obra louvável, merecendo apoio. Os acordos financeiros subsequentes podem assumir várias formas diferentes, desde promessas de apoio de longo prazo a cuidados parciais até contribuições ocasionais. É claro que a igreja também tem o direito de retirar o apoio sempre que os líderes ou responsáveis considerarem conveniente.

Há uma enorme flexibilidade nessas considerações, impossibilitando a definição de qualquer sistema rigidamente fixo. De fato, assim que as suposições de que deve ser assim ou dessa maneira são feitas e ensinadas como regras de ordem intratáveis, o Espírito será artificialmente limitado. Além disso, os próprios trabalhadores podem trabalhar sob dificuldades desnecessárias ou, talvez, culpa. Os exemplos de apoio financeiro que temos nas escrituras fornecem princípios, não trincheiras.

A obra do Novo Testamento de Jesus Cristo não é um monopólio institucional. Nem tal coisa poderia representar adequadamente a Nova Aliança. Uma entidade controladora desse tipo sempre operará em complexos níveis simultâneos de motivos. Na superfície, parecerá servir aos crentes e aos interesses do Senhor. Profundamente é uma preocupação quase irracional em guardar o legado de seu fundador. Muito mais profundo e cuidadosamente escondido estão as preocupações obsessivas com questões de poder, dinheiro, imagem pública e política interna.

Compare esse “sistema de erro” com a realidade simples de Cristo trabalhando por meio de Seus membros – de crentes trabalhando não pelo crescimento de uma entidade empresarial, mas pelo bem-estar dos necessitados, dos não salvos, dos santos, da congregação local ou cristãos na igreja em geral. Esta versão menos estragada de “a obra do ministério” está muito longe de sua contraparte distorcida e verdadeiramente é uma bênção - “dons aos homens” (Efésios 4:8).